



MOTIVAÇÃO, ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM E ESTILOS INTELLECTUAIS NA APRENDIZAGEM DO PIANO EM GRUPO NAS LICENCIATURAS EM MÚSICA

Comunicação

Sérgio Inácio Torres

IA-UNESP
pianistasergiotorres@gmail.com

Resumo: O pressuposto que norteia a investigação é o de que o ensino de Piano em Grupo tem crescimento expressivo nas licenciaturas em música no Brasil com aspectos isolados e determinantes na motivação, estratégias de aprendizagem e estilos intelectuais. A presente pesquisa em andamento tem como objetivo geral analisar os processos de construção da aprendizagem entre acadêmicos ingressantes e concluintes dos Cursos de Licenciatura em Música, na disciplina de Piano em Grupo. E os objetivos específicos são: analisar a motivação dos alunos; verificar as diferenças entre a motivação de ingressantes e concluintes dos cursos; levantar as estratégias de aprendizagem empregadas no momento da aprendizagem e quais predominam em cada performance ao teclado; e identificar os estilos intelectuais que norteiam estes estudantes. O corpus metodológico da pesquisa consiste na coleta de dados com estudantes licenciandos em Música, onde os dados da pesquisa serão tratados por meio de registros de autorrelatos; utilização de escalas validadas EMA-U (Motivação Para Aprender - Universitários); o Inventário para estilos de Pensamento Revisado e a Escala de Avaliação e Estratégias de Aprendizagem. Esta proposta vem de encontro a perspectiva cognitivista da pedagogia do piano e da educação musical brasileira.

Palavras-chave: Piano em grupo. Motivação. Estilos intelectuais.

1 INTRODUÇÃO

A prática do ensino de Piano em Grupo no Brasil tem apresentado um crescimento expressivo nos últimos anos, principalmente no ensino superior (REINOSO 2012), nos cursos de licenciatura em música. De acordo com Gonçalves (2007) e Santos (2013), a partir de 1970, abriu-se a possibilidade para essa nova modalidade de ensino no Brasil – que logo foi difundida para várias regiões do país. Esta prática, entretanto, não foi consolidada no Brasil, como já aconteceu nos Estados Unidos. Alguns fatores como a falta de infraestrutura e formação docente (MONTANDON, 1992), contribuíram para o não fortalecimento do ensino de Piano em Grupo no país (MACHADO 2016, SANTOS 2013, REINOSO 2012). Isso mostra a



importância de se ampliar as pesquisas nessa área, a fim de avançar nas reflexões teóricas e na sua aplicação prática. Muitos licenciandos que cumprem a disciplina de Piano em Grupo, frequentemente, não têm o piano como instrumento principal, mas utilizam esse como ferramenta de trabalho ou estudos relacionados a sua graduação. (CORVISIER, 2008; MONTANDON, 2009, 2007; GONÇALVES, 2007).

2 JUSTIFICATIVA

Na práxis do piano em grupo nas licenciaturas em música – pode-se considerar- é uma pesquisa que traz a defesa da disciplina como proposta pedagógica nas universidades brasileiras, cujos fatores otimizadores são: a redução do número de profissionais envolvidos na docência; a otimização de espaço físico; a ampliação do número de vagas para os alunos e a possibilidade do desenvolvimento musical, cognitivo e motivacional dos alunos para a aprendizagem do piano, por meio de uma prática coletiva. (MACHADO 2016, ROCHA 2016). Nas Licenciaturas em Música, este ensino gera uma motivação positiva nos discentes porque é uma oportunidade singular de aprendizagem de um instrumento de teclado. O ensino de piano por tradição é realizado em aulas individuais. A maioria dos docentes, profissionais que trabalham com o piano em grupo nas licenciaturas, não tiveram formação nem prática para essa metodologia e falta ao docente brasileiro estratégias e práticas do formato em laboratório. Visto que o Brasil conta com poucos laboratórios de piano em grupo nas instituições de ensino superior. Mas, o piano em grupo é uma prática cada vez mais empregada.

3 PROBLEMA

Este trabalho pretende responder a seguinte pergunta: De que maneiras ocorrem os processos de aprendizagem, no Piano em Grupo, entre acadêmicos ingressantes e concluintes dos Cursos de Licenciatura em Música?

4 HIPÓTESES

H1. Os alunos de piano em grupo aprendem por meio da motivação intrínseca (autodeterminada-integrada, identificada).



H2. Os discentes de piano em grupo utilizam Estratégias metacognitivas.

H3. Os Licenciandos em Música, alunos de piano em grupo, tem estilos intelectuais pessoais específicos.

5 OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS

O objetivo geral é analisar e os processos de construção da aprendizagem entre acadêmicos ingressantes e concluintes dos Cursos de Licenciatura em Música, na disciplina de Piano em Grupo. E os objetivos específicos são: a) Analisar a motivação dos alunos; b) Verificar as diferenças entre a motivação de ingressantes e concluintes dos cursos; c) Levantar as estratégias de aprendizagem empregadas no momento de aprendizagem e quais predominam em cada performance ao teclado; d) Identificar os estilos intelectuais que norteiam estes estudantes.

6 REVISÃO CONCISA DE LITERATURA

6.1 MOTIVAÇÃO

A motivação na prática em grupo é fortemente indicada no sentido das experiências vicárias (Bandura, 1997). Conforme Cruvinel (2005), o aluno constrói seu conhecimento musical, tornando-se sujeito ativo na aprendizagem. Pelo fato de geralmente se trabalhar com músicas curtas em âmbito cooperativo, a frustração – elemento tão comum no ensino do piano – é reduzida na prática do piano em grupo e o tempo de atenção do aluno na atividade de sala é elevado. A diminuição da frustração é essencial para o crescimento da autoestima (Bandura, 1997). Já a concentração é um elemento discutido por Csikszentmihalyi (1999), como essencial para que o indivíduo, durante a execução de diferentes atividades de maneira concentrada. Segundo alguns autores metas são importantes para os processos educacionais (O'NEILL; MCPHERSON 2002, CSIKSZENTMIHALYI 1999, ARAÚJO 2009), para ocorrer um processo de atenção e, na sequência, de motivação. A motivação dos estudantes – motivação para aprender, é considerada um tema relevante em diversos níveis de estudo, buscando compreender “como” e “por que” os alunos tem um ou outro tipo de motivação (BZUNECK 2007, 2009, 2010, GUIMARÃES 2009; BORUCHOVICH, 2004, 2008, 2009, RUFINI; BZUNECK; OLIVEIRA 2012). Segundo Araújo 2015, o enfoque na Teoria da Autodeterminação



- TAD oferece subsídios analíticos e empíricos suficientes, inclusive na área da música, pois por meio dela será possível contextualizar e fundamentar a qualidade motivacional dos alunos de piano em grupo nas licenciaturas em música. A TAD é uma macroteoria sustentando que os seres humanos possuem propensões inatas para o crescimento saudável e autorregulação (RYAN; DECI, 2000).

6.2 ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM

A aprendizagem consiste no desempenho de certo comportamento, que antes não era possível consolidar na memória. (ALCARÁ & SANTOS, 2016; OLIVEIRA, 2016). Por meio de estratégias os estudantes conseguem aprender de forma mais significativa e eficaz, estas têm sido estudadas na Teoria do Processamento da Informação que se concentra em investigar como os estudantes escolhem, obtém e retém as informações em seu meio. Três passos norteiam o processo pelo qual as informações são processadas - primeiro é a entrada de dados, em seguida a assimilação ou a apropriação e por último ocorre a expressão do conteúdo aprendido. A partir da organização dos estudantes nessas etapas, compreende-se quais são as estratégias utilizadas no decorrer desses procedimentos para construir o conhecimento (ALCARÁ; SANTOS, 2016; MARTINS; ZERBINI, 2016, OLIVEIRA, 2016).

As estratégias de aprendizagem podem ser divididas em dois grupos: estratégias cognitivas e metacognitivas. As cognitivas consistem no trato das informações - armazenar e elaborar estas informações; enquanto que as metacognitivas tratam-se dos meios reflexivos do aluno - planejar, regular e monitorar seu pensamento e seus processos cognitivos. (OLIVEIRA, BORUCHOVITCH & SANTOS, 2009). Esta autorregulação da aprendizagem torna-se mais importante nas licenciaturas, pois estas objetivam a formação de professores (BORUCHOVITCH, 2007).

Oliveira (2008) destaca que não existe uma estratégia específica e pré-determinada para cada contexto de estudo. Estabelecer qual a melhor estratégia, dependerá da percepção do estudante. Por outro lado, é papel do docente, posto que muitas das estratégias de aprendizagem tornam-se conhecidas por meio dos professores. Assim, o



docente acaba ensinando e motivando os alunos a utilizarem as estratégias de aprendizagem pela sua pedagogia em sala de aula e nos estudos em casa.

6.3 ESTILOS INTELECTUAIS

Para compreender melhor como a motivação e o uso das estratégias de aprendizagem podem se configurar de diferentes maneiras, é importante observar o estilo intelectual dos estudantes. Ao compreender as diferenças entre as habilidades e os estilos intelectuais, torna-se possível encontrar explicações para situações de fracasso escolar e a possibilidade de realizar novas intervenções nessas situações (OLIVEIRA; TRASSI; SANTOS, 2017). O termo estilo intelectual foi proposto por Zhang e Sternberg em 2005, para se referir às particularidades cognitivas e habituais com que os estudantes processam as informações no decorrer da aprendizagem (OLIVEIRA; TRASSI; SANTOS, 2017). Os estilos intelectuais podem ser considerados como os diferentes padrões de processamento, preferidos pelos estudantes, para empregar no decorrer do processamento da informação na aprendizagem. Cada estudante tem um modo específico de organização cognitiva para receber e processar as informações novas e, construir conhecimento (MESSICK, 1987; SANTOS, SISTO; MARTINS, 2003; ZHANG L., CHENG S. 2014). Este conceito foi formulado por Zhang e Sternberg (2005) dentro da perspectiva da teoria do Autogoverno Mental, esta teoria não busca identificar e classificar individualmente o estilo intelectual de cada estudante, e sim visa classificar os modelos individuais de estilo em dimensões e também em tipos que contemplam características específicas (OLIVEIRA; TRASSI; SANTOS, 2017; INÁCIO, 2016; ZHANG L., CHENG S. 2014; ZHANG, 2012; ZHANG; STERNBERG, 2005). Diversas particularidades que envolvem as pessoas influenciam em seus estilos intelectuais, pois estes são compostos por segmentos distintos - o fisiológico, o psicológico e o sociológico. As pessoas costumam ter acesso às práticas mais difundidas em seu meio social, isso também ocorre quando se trata da aprendizagem (ZHANG; STERNBERG, 2005). Considera-se também que não existe estilo intelectual bom ou ruim, mas tem se destacado o fato de que alguns estilos acabam sendo mais eficazes, quando são comparados a outros, em determinados contextos de estudos (ZHANG L., CHENG S. 2014; ZHANG, 2015; OLIVEIRA, TRASSI; SANTOS, 2017).



7 DESCRIÇÃO E FUNDAMENTAÇÃO DA METODOLOGIA DE PESQUISA

7.1 PARTICIPANTES

Participarão aproximadamente 280 alunos, ingressantes e concluintes, dos cursos de Licenciatura em Música das instituições: Universidade Federal do Paraná, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Universidade Estadual do Paraná – Campi EMBAP e Campi FAP. Universidade Estadual de Ponta Grossa, Universidade Estadual de Londrina e Universidade Estadual de Maringá.

7.2 INSTRUMENTOS

1) Para avaliar a motivação dos discentes de licenciatura será necessário o registro de autorrelatos dos mesmos, que conforme Guimarães e Bzuneck 2010, essa é uma forma para aferir os estados motivacionais, pois supõe uma introspecção acurada pelo aluno. Desse modo “o autorrelato é um componente vital do método de pensar em voz alta” (GUIMARÃES; BZUNECK; BORUCHOVITCH, 2010). Como parte principal do instrumento relacionado a motivação, será utilizada a Escala de Motivação para Aprender de Universitários (EMA-U). A escala foi construída com base na Teoria da Autodeterminação, conforme o continuum de autodeterminação que propõe graus de internalização na seguinte ordem: desmotivação, motivação extrínseca e motivação intrínseca. Essa verificação possibilita avaliar seis tipos de motivação, os quais variam qualitativamente de acordo com as internalizações das regulações externas para o comportamento autodeterminado (GUIMARÃES; BZUNECK 2008). Consta de 32 itens fechados, em forma de escala Likert, sendo 16 de conteúdo intrínseco e 16 de conteúdo extrínseco.

2) Escala de Avaliação de Estratégias de Aprendizagem EAEA-U - Santos e Boruchovitch (2015). A escala é composta por 35 itens, organizados em forma de escala tipo Likert, referentes à maneira como os alunos costumam estudar ou se preparar para uma avaliação. As questões apresentam quatro opções de resposta, a saber, sempre (3 pontos), às vezes (2 pontos), raramente (1 ponto) e nunca (0 pontos), podendo alcançar 105 pontos.

3) O Inventário de Estilos de Pensamento-Revisado II/TSI-R2 (STERNBERG, WAGNER, ZHANG, 2007). É um teste de aplicação individual ou coletiva que avalia os estilos intelectuais. A escala é composta de 65 itens que avaliam os 13 estilos classificados em três



tipos. As questões estão dispostas em uma escala Likert com as seguintes opções: “De jeito nenhum” (1 ponto), “Não muito bem” (2 pontos), “Um pouco” (3 pontos), “Bem de alguma forma” (4 pontos), “Bem” (5 pontos), “Muito Bem” (6 pontos) e “Extremamente bem” (7 pontos).

7.3 PROCEDIMENTOS E ANÁLISE DE DADOS

Após a autorização das instituições coparticipantes da pesquisa o projeto será iniciado após aprovação no Comitê de Ética de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos em pesquisa - CEP da UEL. Os participantes assinarão um termo de consentimento livre e esclarecido, sendo que os responsáveis legais deverão assinar o termo dos participantes menores. A coleta será realizada coletivamente em sala de aula em dia e horário agendado pela instituição. Cabe esclarecer que todos os procedimentos éticos serão adotados e estarão em conformidade com a resolução 466/2012 e com a resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde e seus complementares.

Os dados serão organizados em planilha e submetidos à análise estatística descritiva e inferencial, levando-se em conta os objetivos do estudo.

8 REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Isac Rufino de. *A motivação dos licenciandos em música sob a perspectiva da teoria da autodeterminação*. 141 f. 2015. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/20083/1/IsacRufinoDeAraujo_DISSERT.pdf. Acesso em: 3 out. 2022.

ARAÚJO, Rosane Cardoso de; CAVALCANTI, Célia Regina Pires; FIGUEIREDO, Edson. Motivação para aprendizagem e prática musical: dois estudos no contexto do ensino superior. *Educação Temática Digital*, Campinas, v. 10, p. 249-272. 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/944/959>. Acesso em: 3 out. 2022.

BANDURA, Albert. *Self-efficacy: the exercise of control*. New York: Freeman, 1997.

BORUCHOVITCH, Evely. A motivação para aprender de estudantes em cursos de formação



de professores. *Educação*, Porto Alegre, v. 31, p. 30-38, 2008. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/2754/2102>. Acesso em: 3 out. 2022.

BORUCHOVITCH, Evely. Aprender a aprender: propostas de intervenção em estratégias de aprendizagem. *ETD – Educação Temática Digital*, Campinas, v. 8, n.,2, p. 156-167, 2007. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/651/666>. Acesso em: 3 out. 2022.

BORUCHOVITCH, Evely. Inteligência e motivação: perspectivas atuais. In: BORUCHOVITCH, Evely; BZUNECK, José Aloyseo (org.). *A motivação do aluno: aspectos introdutórios*. 3. ed. Petropolis: Vozes, 2004.

BORUCHOVITCH, Evely; BZUNECK, José Aloyseo; GUIMARÃES, Sueli Édi Rufini. *Motivação para aprender: aplicações no contexto educativo*. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

BORUCHOVITCH, Evely; GUIMARÃES, Sueli Édi Rufini. A promoção da autonomia como estratégia motivacional na escola: uma análise teórica e empírica. In: BORUCHOVITCH, Evely; BZUNECK, José Aloyseo; GUIMARÃES, Sueli Édi Rufini. *Motivação para aprender: aplicações no contexto educativo*. Rio de Janeiro: Vozes, 2010. p. 43-70.

BORUCHOVITCH, Evely; SANTOS, Acácia Aparecida Angeli dos. Psychometric studies of the learning strategies scale for university students. *Paidéia*, Ribeirão Preto, v. 25, n. 60, p. 19-27, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/s8vSvkDb6w9qfXCSmQrX4RR/?format=pdf&lang=en>. Acesso em: 3 out. 2022.

BZUNECK, José Aloyseo. A motivação do aluno: Aspectos Introdutórios. In: BORUCHOVITCH, Evely; BZUNECK, José Aloyseo (org.). *A motivação do aluno: contribuições da Psicologia contemporânea*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 9-36.

BZUNECK, José Aloyseo. Como motivar os alunos: sugestões práticas. In: BORUCHOVITCH, Evely; BZUNECK, José Aloyseo; GUIMARÃES, Sueli Édi Rufini. *Motivação para aprender: aplicações no contexto educativo*. Rio de Janeiro: Vozes, 2010. p. 13-42.

CORVISIER, Fátima. Uma nova perspectiva para a disciplina piano complementar. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO, 18., 2008, Salvador. *Anais [...]*. Salvador: ANPPOM, 2008. p. 191-194. Disponível em: https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2008/comunicas/COM413%20-%20Corvisier.pdf. Acesso em: 3 out. 2022.

COSTA, Carlos Henrique Coutinho Rodrigues; AGUIAR, Adriana Oliveira. Piano em grupo: metodologia contextualizada ao Brasil. In: ENCONTRO REGIONAL CENTRO-OESTE DA ABEM, 8.; SIMPÓSIO SOBRE O ENSINO E A APRENDIZAGEM DA MÚSICA POPULAR, 1.;



ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO COLETIVO DE INSTRUMENTO, 3., 2008, Brasília. *Anais* [...]. Brasília: ABEM, 2008. CD-ROM.

CRUVINEL, Flavia Maria. *Educação musical e transformação social: uma experiência com ensino coletivo de cordas*. Goiânia: ICBC, 2005.

CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. *A descoberta do Fluxo*. São Paulo: Rocco, 1999.

CUNHA, Neide de Brito; BORUCHOVITCH, Evely. Percepção e conhecimento de futuros professores sobre seus processos de aprendizagem. *Pro-Posições*, Campinas, v. 27, n. 3, p. 31-56, 2016. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/pp/a/kty3x8gVxgBR5PYycNWCQBJ/?format=pdf&lang=pt>.
Acesso em: 3 out. 2022.

CUNHA, Neide de Brito; SANTOS, Acácia Aparecida Angeli dos. Avaliação da consciência metatextual: um instrumento de medida. *Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación*, Coruña, v. extra, n. 10, p. 137-141, 2015. Disponível em:
https://www.researchgate.net/profile/Acacia-Santos/publication/285549872_Avaliacao_da_consciencia_metatextual_um_instrumento_de_medida/links/5669ae3308ae430ab4f73539/Avaliacao-da-consciencia-metatextual-um-instrumento-de-medida.pdf. Acesso em: 3 out. 2022.

GANDA, Danielle Ribeiro; BORUCHOVITCH, Evely. Self-handicapping strategies for learning of preservice teachers. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 32, n. 3, p. 417-425, 2015. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/pP6rQyf4639DJzcm9bdMKPP/?format=pdf&lang=en>.
Acesso em: 3 out. 2022.

GONÇALVES, Maria L. J. *Ensino de piano em grupo no Brasil*. [S. l.: s. n.], 2008. Disponível em: http://www.pianoemgrupo.mus.br/figuras_pioneiras.htm. Acesso em: 17 set. 2007.

GUIMARÃES, Sueli Édi Rufini; BORUCHOVITCH, Evely. O estilo motivacional do professor e a motivação intrínseca dos estudantes: uma perspectiva da Teoria da Autodeterminação. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 143-150, 2004. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/prc/a/DwSBb6xK4RknMz kf5qqpZ6Q/?format=pdf&lang=pt>.
Acesso em: 3 out. 2022.

GUIMARÃES, Sueli Édi Rufini; BZUNECK, José Aloyseo. Propriedades psicométricas de um instrumento para avaliação da motivação de universitários. *Ciências e Cognição*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 101-113, 2008. Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-58212008000100011#:~:text=Pode%2Dse%20observar%20que%20os,intr%C3%ADnseca%20e%20da%20regula%C3%A7%C3%A3o%20identificada. Acesso em: 3 out. 2022.



GUIMARÃES, Sueli Édi Rufini; BZUNECK, José Aloyseo; OLIVEIRA, Katya Luciane de. A qualidade da motivação de estudantes do ensino fundamental. *Paidéia*, Ribeirão Preto, v. 22, n. 51, p. 53-62, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/rVGF3GXBBrqwYJq6Cp96skv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 3 out. 2022.

HANBERRY, Melody A. *Effects of practice strategies, metronome use, meter, hand, and musical function on dual: staved piano performance accuracy and practice time usage of undergraduate non-keyboard music majors*. 238 p. 2004. Thesis (Doctored in Philosophy) – Louisiana State University, Los Angeles, 2004. Disponível em: https://digitalcommons.lsu.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=2186&context=gradschool_dissertations. Acesso em: 3 out. 2022.

INÁCIO, Francislaine Flâmia. *Memória, estilos intelectuais, estratégias de aprendizagem: estudando os transtornos do neurodesenvolvimento em alunos do ensino fundamental e percepção de seus professores*. 157 f. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016.

MACHADO, Simone Gorete. A presença do piano em grupo em instituições de ensino Superior no Brasil. *Orfeu*, Florianópolis, v. 1, n. 1, p.134-155, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/orfeu/article/view/7358/5679>. Acesso em: 3 out. 2022.

MARINI, Janete Aparecida da Silva; BORUCHOVITCH, Evely. Estratégias de Aprendizagem de Alunos Brasileiros do Ensino Superior: considerações sobre adaptação, sucesso acadêmico e aprendizagem autorregulada. *Revista E-Psi - Revista Eletrônica de Psicologia, Educação e Saúde*, [s. l.], ano 4, v. 1, p. 102-126, 2014. Disponível em: <https://artigos.revistaepsi.com/2014/Ano4-Volume1-Artigo5.pdf>. Acesso em: 3 out. 2022.

MARINI, Janete Aparecida da Silva; BORUCHOVITCH, Evely. Self-regulated learning in students of pedagogy. *Paidéia*, Ribeirão Preto, v. 24, n. 59, p. 323-330, 2014.

MARTINS, Lara Barros; ZERBINI, Thais. Escala de estratégias de aprendizagem: evidências de validade em contexto universitário híbrido. *Psico-USF*, Bragança Paulista, v. 19, n. 2, p. 317-328, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusf/a/sYqFstyrBZnr4sBS4SpFFyp/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 3 out. 2022.

MESSICK, Samuel. The nature of cognitive style: problems and promise in educational practice. *Educational Psychologist*, Pinceton, v. 19, p. 59-74, 1984.

MONTANDON, Maria Isabel. *Aula de piano em grupo: uma análise do movimento para implantação do ensino de piano em grupo nos Estados Unidos*. Brasília: UNB Maria, 2005. Disponível em: <http://www.arte.unb.br/tonica/isabel.html>. Acesso em: 12 nov. 2007.



MONTANDON, Maria Isabel. Piano suplementar: função e materiais. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM MÚSICA DA UFG, 4., 2004, Goiânia. *Anais* [...]. Goiânia: UFG, 2004. p. 105-113. Disponível em:
<http://www.musica.ufg.br/mestrado/anais/anais%20IV%20Sempem/anais%20capa%20%20sempem.pdf>. Acesso em: 7.ago.2009.

MONTANDON, Maria Isabela. *Aula de piano e ensino de música*: análise da proposta de reavaliação da aula de piano e sua relação com as concepções pedagógicas de Pace, Verhaalen e Gonçalves. 178 f. 1992. Dissertação (Mestrado em Educação Musical) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1992. Disponível em:
<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/79483/000045257.pdf?sequence=1&isAll> owed=y. Acesso em: 3 out. 2022.

O'NEILL, Susan; MCPHERSON, Gary. Motivation. In: PARNCUTT, Richard; MCPHERSON, Gary (ed.). *The science & psychology of music performance*: creative strategies for teaching and learning. New York: Oxford University Press, 2002. p. 31-46.

OLIVEIRA, Antonio José Figueiredo. *Evidências de validade de uma escala de estratégias de aprendizagem com universitários*. 85 f. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Univás, Pouso Alegre, 2017. Disponível em:
<http://www.univas.edu.br/me/docs/dissertacoes2/139.pdf>. Acesso em: 3 out. 2022.

OLIVEIRA, Katya Luciane de. *Escala de estratégias de aprendizagem para o ensino fundamental*: análise de suas propriedades psicométricas. 179 f. 2008. Tese. (Doutorado em Educação). – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008. Disponível em:
<http://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/430850>. Acesso em: 3 out. 2022.

OLIVEIRA, Katya Luciane de; BORUCHOVITCH, Evely; SANTOS, Acácia Aparecida Angeli dos. Estratégias de aprendizagem e desempenho acadêmico: evidências de validade. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 25, n. 4, p.651-656, 2009. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/ptp/a/S8xXnzpjt3gbfyDccYKNMZf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 3 out. 2022.

OLIVEIRA, Katya Luciane de; SANTOS, Acácia Aparecida Angeli dos; SCACCHETTI, Fabio Alexandre Pereira. Medida de estilos de aprendizagem para o ensino fundamental. *Psicologia Escolar Educacional*, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 127-136, abr. 2016. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/pee/a/JcsqT5Tq8mSBt7W6FmMpcSm/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 3 out. 2022.

OLIVEIRA, Katya Luciane de; TRASSI, Angélica Polvani; INÁCIO, Amanda Lays Monteiro; SANTOS, Acácia Aparecida Angeli dos. Estilos de aprendizagem e condições de estudo de alunos de psicologia. *Psicologia Ensino & Formação*, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 31-39, 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-20612016000100004#:~:text=Nessa%20concep%C3%A7%C3%A3o%2C%20os%20estilos



%20de,aprendizagem%20e%20resolu%C3%A7%C3%A3o%20de%20problemas. Acesso em: 3 out. 2022.

REINOSO, Ana Paula Teixeira. *O ensino de piano em grupo em universidades brasileiras*. 266 f. 2012. Dissertação. (Mestrado em Música) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em:
<http://www.unirio.br/ppgm/arquivos/dissertacoes/ana-reinoso>. Acesso em: 3 out. 2022.

ROCHA, José Leandro Silva Martins. *Aprendizagem criativa de piano em grupo*. São Paulo: Blucher, 2016.

RYAN, Richard M.; DECI, Edward L. Intrinsic and extrinsic motivations: classic definitions and new directions. *Contemporary Educational Psychology*, San Diego, n. 25, p. 54-67, 2000. Disponível em:
https://selfdeterminationtheory.org/SDT/documents/2000_RyanDeci_IntExtDefs.pdf. Acesso em: 3 out. 2022.

RYAN, Richard M.; DECI, Edward L. Self-determination theory and the facilitation of intrinsic motivation, social development, and well-being. *American Psychologist*, Washington, v. 55, n. 1, p. 68-78, 2000. Disponível em:
https://selfdeterminationtheory.org/SDT/documents/2000_RyanDeci_SDT.pdf. Acesso em: 3 out. 2022.

SANTOS, Rogerio Lourenço dos. *O ensino de piano em grupo: uma proposta para elaboração de método destinado ao curso de piano complementar nas universidades brasileiras*. 255 f. 2013. Tese (Doutorado em Música) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27158/tde-22082013-141410/publico/RogerioSantosCorrigida.pdf>. Acesso em: 3 out. 2022.

SISTO, Fermino Fernandes; SANTOS, Acácia Aparecida Angeli dos; MARTINS, Rosana Maria Mohallem. Estilos cognitivos e personalidade: Um estudo exploratório de evidências de validade. *Psico-USF*, Bragança Paulista, São Francisco, v.8, p. 11-19, 2003. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/psuf/a/nC969YGQcP95hTykHkVdRph/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 3 out. 2022.

STERNBERG, Robert J.; WAGNER, Richard. K.; ZHANG, Li-Fang. *Thinking styles inventory revised II*. Medford: Bethesda, 2007. [Unpublished test].

TRASSI, Angélica Polvani; OLIVEIRA, Katya Luciane de. Estilos Intelectuais: revisitando e atualizando conceitos. In: MARTINELLI, Selma de Cássia; FERNANDES, Débora Cecílio; PACHECO, José Ernani de Carvalho. *Aprendizagem escolar na contemporaneidade*. Curitiba: Editora Juruá, 2017. p. 64-77.



ZHANG, Li-Fang. *The Malleability of Intellectual Styles*. Cambridge: Cambridge University, 2015.

ZHANG, Li-Fang; CHENG, Sanyin. Validating the thinking styles inventory-revised II among chinese University students with hearing imparment trough test Accommodations, *American Annals of the Deaf*, Washington, v. 159, n. 1, p. 22-33, 2014.

ZHANG, Li-Fang; STENBERG, Robert Joseph. A Threefold model of intellectual styles. *Educational Psychology Review*, New York, v. 17, p. 1-53, 2005.

ZHANG, Li-Fang; STENBERG, Robert Joseph. *The nature of intellectual styles*. Mahwah: Lawrence Erlbaum, 2006.

ZHANG, Li-Fang; STENBERG, Robert Joseph; RAYNER, Stephen. *Handbook of intellectual styles: preferences in cognition, learning, and thinking*. New York: Springer Publishing Company, 2012.